

CHAMAMENTO AO POVO BRASILEIRO, DE CARLOS MARIGHELLA

MARIGHELLA, Carlos. Chamamento ao povo brasileiro e outros escritos / Carlos Marighella; organizado por Vladimir Safatle. São Paulo: UBU Editora, 2019, 320 pp.

Everton Marcos Grison¹¹⁶

Os últimos anos têm sido marcados por uma grande quantidade de problemas, convulsões e certezas de que o Brasil havia se metido abaixo do nível 333, em referência ao filme *O Poço*, produção cinematográfica espanhola vinculada pela Netflix. Mal sabíamos das surpresas que o ano de 2020 reservava.

Nada será como antes, pois o tempo não é um palanque estanque em meio as rochas que sustentam o planeta e a humanidade. É movimento, como pensou Heráclito na Grécia antiga. A vida não será como antes, pois a cada dia a montanha de cadáveres só aumenta e as respostas para contenção dessa marcha macabra ainda não são nem sopro de voz. A depender do governo de Jair Bolsonaro nunca serão. Teremos que lidar com inumeráveis que foram ceifados pela pandemia da Covid-19, acelerada pela necropolítica de negação da pandemia e da salvação da economia. Está escancarada a perversidade que salva os bancos e deixa as pessoas morrerem afogadas no seco e sepultadas em valas comuns.

Antes mesmo de começarmos a sofrer os efeitos da pandemia e da ineficácia política diante da situação, no segundo semestre de 2019 o país e o mundo assistiram as polêmicas envolvendo o lançamento do filme sobre Carlos Marighella, com direção de Wagner Moura.

¹¹⁶ Bacharel e Licenciado em Filosofia (UFPR), Especialista em Educação das Relações Étnico-raíais (UFPR), e em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio (UNICENTRO), Mestre em Filosofia (UFPR). Professor de Filosofia do Ensino Médio na Escola Seb Dom Bosco e no Colégio Estadual Ivo Leão, em Curitiba, PR. Coordenador do projeto de Cineclube G-FILO (NESEF/G-FILO/UFPR), no Colégio Estadual Ivo Leão. E-mail: evertongrison@gmail.com

Tornou-se de conhecimento público a dificuldade da produtora em realizar o lançamento no Brasil, programado para ser exibido no dia 20 de novembro, em alusão a uma dupla comemoração, pois naquele mês completaria cinquenta anos da morte de Carlos Marighella e era semana da consciência negra. Entre idas e vindas, o filme foi novamente programado para ser lançado no dia 14 de maio de 2020, lançamento que não ocorreu devido a pandemia da Covid-19.

Ainda em 2019, em meio a uma situação política muito complexa, veio a lume a publicação do livro: *Chamamento ao Povo Brasileiro e outros escritos*, com organização de Vladimir Safatle, com 317 páginas e compondo a coleção Explosante, publicada pela editora UBU. O livro, em verdade, recoloca em circulação uma parte muito considerável da obra de Carlos Marighella, pensador, escritor, revolucionário que muito lutou contra as arbitrariedades do pensamento conservador brasileiro, e o desejo reprimido de parte da população e de diferentes setores, por uma organização governamental ditatorial.

O livro coloca em circulação títulos esgotados a muito tempo no mercado editorial. Em uma pesquisa no site Estante Virtual, site de sebos de todo o Brasil, os livros de Marighella são vendidos com preços que variam de R\$ 80,00 a R\$ 3.999,90. O título com maior valor é um exemplar de 1965 de: *Por que Resistí a Prisão*, publicado pela Edições Contemporâneas e que a agora volta a circular pelo Brasil. O livro organizado por Safatle, portanto, reposiciona os textos de Marighella, os tornando acessíveis a um número maior de pessoas. Por questões não apresentadas pelo organizador da obra, não faz parte dessa republishação o livro *Manual de Guerrilha Urbana*, escrito muito procurado pelos mais variados interesses.

A publicação é organizada tomando por princípio uma espécie de cronologia reflexiva ou ainda, como as ideias de Marighella foram se estruturando até que chegasse a defender a luta armada. Nesse sentido, trata-se de um itinerário de pensamento de um ser inquieto, que buscava compreender as diferentes dobras que compõem a realidade e como seria possível alterar processos e fazer frente ao autoritarismo.

O livro abre com um prefácio muito elucidativo de Vladimir Safatle, que resgata a imagem de Marighella e posiciona o intento de parte da direita e do fascismo militarizado, que trabalharam de forma intensa para demonizar a figura pública de Marighella. É possível afirmar que Marighella é mais um entre os muitos brasileiros, que são achincalhados em suas próprias terras (Paulo Freire é outro nome que sofre os efeitos dos mesmos males).

O prefácio também estabelece a necessidade de um resgate histórico de Marighella, não apenas para o esclarecimento de suas ideias e escolhas, mas no quanto esse autor fala para o presente, como se percebe:

Se atualmente vemos um protofascismo que se levanta contra ‘ameaças comunistas’, é porque tais ameaças não são fruto de delírio paranoico. Elas efetivamente existem, só que estão no futuro. O poder atual procura sufocar as comunistas e os

comunistas antes mesmo de elas e eles se descobrirem comunistas. É para elas e eles que este livro foi organizado (SAFATLE, *in* MARIGHELLA, 2019, p. 18).

Nesse sentido Marighella pode ser visto como um extemporâneo, ou seja, um pensador que está para além do seu tempo e dialoga com o futuro. Os poemas que abrem a publicação: *Uma Prova em Versos*; *Balada à Descritiva*; *Vozes da Mocidade Acadêmica*; *Liberdade* e por fim *O Urubu*, versos escritos nos anos trinta, demonstram a incrível erudição e pluralidade reflexiva que era característica de Marighella. Sua pena denuncia uma produção intelectual calcada na diversidade de referenciais, sem se deixar morder pelo pedantismo intelectualizado, ou pela condição cômoda dos críticos resguardados no interior de seus escritórios e bibliotecas particulares. O pensamento de Marighella precisa sair, dialogar, aprender e ensinar com as pessoas.

Na sequência dos poemas o livro reproduz o escrito *Por que Resistí à Prisão*, de 1965. Trata-se de um dos documentos mais importantes para a história do país, pois denuncia a vastidão das arbitrariedades que eram praticadas pelos departamentos militares na execução de suas atividades. Trata-se de um discurso contra a injustiça, o pedantismo, a violência policial e a condenação antes do julgamento. Marighella foi literalmente caçado pela polícia, alvejado pelos projéteis que subjugam a sociedade e levado de repartição para repartição, em um nítido sentido de burocratização injustificada que se impulsiona em massacrar os opositores.

Este livro em especial, apontadas as devidas diferenças de tempo e de contexto, representa uma importante lupa para analisarmos, na atualidade, a imensa quantidade de Assembleias Legislativas pelo país, ocupadas por um número crescente de civis e militares eleitos, que fazem política com e em prol das armas. As diferentes “bancadas da bala” assinam seus projetos de leis com os mesmos projéteis que matam pessoas nas periferias das cidades. Nesse sentido, não seria arriscado dizer que temos “partidos militares” atuando em prol de seus interesses nas Assembleias Legislativas pelo país, com distanciamento do combate à corrupção e muita proximidade com os grupos milicianos.

Intercalando o fim do livro *Porque Resistí à Prisão* e os textos de Marighella que analisam detidamente a política brasileira dos anos sessenta, estão dispostos três poemas de Marighella: *A Alma do Samba*, *Confraternização* e *Canto para Atabaque*, sem a indicação de quando foram escritos. Há um elo feito pelos poemas, entre o texto que relata e discute a prisão de Marighella, com a crítica político social dos anos sessenta. Os poemas participam do mesmo escopo reflexivo, demonstrando que Marighella fazia de sua escrita vida incomodada, seja na poesia, no relato, no discurso inflamado, no texto questionador ou nas críticas certeiras dirigidas a esquerda da época, muitas delas de uma impressionante atualidade. Para relembrar Nietzsche, Marighella escrevia com sangue, isto é, o pulsar da vitalidade literária que se indigna pelo sangue derramado nas injustiças do Estado.

Os textos de análise política, temática que se movimenta por todo o livro refletem as contradições da realidade brasileira dos anos sessenta. Um dos textos é *A crise brasileira*, de 1966, com trechos que se encaixariam muito bem no entendimento dos movimentos promovidos pelos governos de esquerda do PT (Partido dos Trabalhadores), por exemplo, a partir de 2002, que se subordinaram à liderança da burguesia. Para além disso, também reflete sobre o clima de ditadura entreguista militar, no interior de liberdades democráticas suprimidas aos poucos, como percebemos na atualidade, em diferentes governos municipais, estaduais e no governo federal.

Essa parte do livro apresenta a *Carta à Comissão Executiva do Partido Comunista Brasileiro*, escrita em 1966, e a *Crítica às teses do Comitê Central*, de 1967. Ambos os textos demonstram a lucidez analítica de Marighella, que pensa as contradições da sociedade e as escolhas ideológicas sem se furtar do movimento crítico contra si próprio. É uma conclamação para que os movimentos de esquerda saibam fazer a crítica sobre si mesmos.

O livro organizado por Safatle novamente faz uma ligação entre as diferentes linguagens textuais, ao reproduzir outros três poemas de Marighella: *Castro Alves*, *A Prece dos Escravos* e *O País de Uma Nota Só*, ambos sem registro de sua data de publicação. Os poemas se conectam as discussões anteriores e tem o papel de preâmbulo para os textos em que Marighella defenderá a necessidade da Luta Armada. A parte três do livro, portanto, fecha um trajeto de reflexão que inicia com poesia e termina na defesa do uso das armas em resposta ao autoritarismo estatal militar.

Essa última parte do livro abre com o texto *Chamamento ao povo brasileiro*, de 1968, no qual Marighella conclama o povo para responder as violências do Estado brasileiro autoritário, com a luta armada do povo, concebida como guerrilha. Marighella não defende a simples violência. Trata-se da resposta violenta à violência impetrada pelo Estado Brasileiro, orquestrada pelas diferentes corporações no poder, que trabalham em prol de seus interesses, enquanto muitos morrem na miséria e são perseguidos pelas forças de segurança. É um basta. A resposta última após as tentativas de diálogo e negociação, pois como se evidencia, quando não há mais possibilidades de diálogo, a violência do povo contra as forças que lhe impõem o massacre é justificada. Não foi a população que violentou primeiramente e a sua resposta violenta é a única alternativa restante. Contra canos de armas de fogo de pouco adiantam os discursos.

Essa terceira parte do livro apresenta uma quantidade significativa de textos de Marighella em diferentes momentos e períodos, todos esclarecendo e aprofundando suas opções teóricas e suas escolhas práticas. São eles: *Pronunciamento do agrupamento comunista de São Paulo*, de 1968, *Carta circular aos homens das classes dominantes*, de 1969, *Algumas questões sobre as guerrilhas no Brasil*, de 1967, *Frente a Frente com a polícia*, de 1967 e *Cartas de Havana*, de 1967.

O livro finaliza com um posfácio assinado por Carlos Augusto Marighella, filho de Marighella, ressaltando a importância dessa nova

publicação dos textos, como esforço memorialístico que reposiciona a imagem do pai e deixa claro, que muito infelizmente, a realidade a qual Carlos Marighella se esforçava para alterar, com sua luta por liberdade, justiça social e soberania social permanece, se não a mesma, com muito por se fazer em prol de dias melhores, nos quais a inscrição de assassinado não seja o endereço cemiterial de muitos, como foi para Amarildo, desaparecido em 2013, depois de ter sido algemado pela polícia do Rio de Janeiro em uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco e de seu motorista Anderson Pedro Gomes, executados em 2018, de Marcos Vinícius de 14 anos, alvejado pelas contas por um blindado em uma ação da polícia na Vila Pinheiros, no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Marcos Vinícius questionou a mãe antes de morrer: “mãe, mas eles não viram que eu estava de uniforme?”

Como foi para Evaldo dos Santos Rosa que teve o carro fuzilado com oitenta tiros disparados por soldados do Exército em 2019, no Rio de Janeiro, de George Floyd assassinado em 2020 pelo sufocamento do joelho de um policial em seu pescoço, nos Estados Unidos e o menino João Pedro de apenas 14 anos, assassinado em uma ação das Polícias Civil e Federal no Rio de Janeiro, que alvejou sua casa com mais de setenta tiros. Não foram os primeiros e não serão os últimos. É por esses e por muitos outros que não terão seus nomes lembrados, que Marighella não pode ser esquecido.